

## MIGRAÇÕES POR DENTRO: FABULAÇÕES ORDINÁRIAS DO DESLOCAMENTO

### *MIGRATIONS FROM WITHIN: ORDINARY DISPLACEMENT*

Monique Silva de Araújo<sup>1</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Associado/a/e ANPAP: Não

**Resumo:** Este ensaio visual investiga a migração nordestina ao Sudeste brasileiro, expandindo o conceito de migração para além do deslocamento geográfico. Aborda a migração como uma travessia sensível e política, fundamentando-se em conceitos que exploram a relação entre o cotidiano, o corpo e a memória. O corpo-arquivo e performático orienta a análise, evidenciando fabulações cotidianas e temporalidades dissonantes.

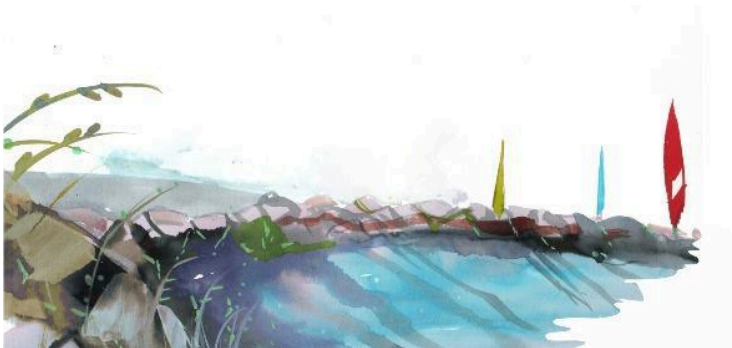
**Palavras-chave:** Migração. Corpo. Memória. Travessia.

**Abstract:** *This visual essay investigates northeastern migration to Southeastern Brazil, expanding the concept of migration beyond geographic displacement. It approaches migration as a sensitive and political passage, grounded in concepts that explore the relationship between everyday life, the body, and memory. The body-archive and performative guide the analysis, highlighting everyday fabrications and dissonant temporalities.*

**Keywords:** *Migration. Body. Memory. Passage.*

---

<sup>1</sup> Monique Silva de Araújo é mestranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisa sobre migração, memória e práticas artísticas. É graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela mesma instituição e tem experiência em produção de exposições e curadoria. E-mail: moniquemariposa@gmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0927703796264134> Rio de Janeiro, Brasil.



## Gestos de migrações cotidianas

A migração no contexto brasileiro é marcada por deslocamentos forçados, desigualdades territoriais e relações de poder que impactam corpos e imaginários, como evidenciado na migração nordestina para o Sudeste do país. Tradicionalmente, o “retirante” é retratado como uma figura de falta, ausência ou atraso. Este ensaio visual propõe uma reflexão que articula o pensamento político e social da migração com a dimensão sensível e cotidiana da travessia, expandindo a compreensão do que significa migrar.

“A migração pode ser a que vai de um a outro estágio da vida, de uma a outra fase” — como uma marca que se herda na pele (ALMEIDA, 2024). Nesse sentido, a migração não é um evento extraordinário, mas um processo contínuo, que abrange também migrações internas, subjetivas, temporais e afetivas. Este ensaio busca ocupar o espaço dos entre-lugares, onde a vida se desloca de forma silenciosa, mas profunda.

Em diálogo com os conceitos de *inframince*, de Marcel Duchamp, e *infraordinário*, de Georges Perec, compreendidos como aquilo que escapa ao olhar ou aquilo que sustenta a vida cotidiana (CARNEIRO, 2023, p. 9), a migração se revela como o ordinário que se transforma. Fotografei meu primeiro fio de cabelo branco num gesto quase instintivo, como quem tenta preservar uma marca inaugural da passagem do tempo. A imagem, simples e silenciosa, carrega a consciência de uma travessia que não escolhi, mas que me atravessa e se inscreve no corpo.

Assim como observo e registro as marcas de expressão das pessoas ao meu redor — rugas que surgem discretamente, olhares que se tornam mais densos — percebo que essas pequenas inscrições são também formas de migração: deslocamentos temporais, afetivos e subjetivos que revelam a continuidade da vida e sua transformação.

Inspirada pela perspectiva de que o saber se encarna nas práticas e nos gestos cotidianos — onde o corpo atua como arquivo vivo da experiência (MARTINS, 2021, p. 36) — compreendo a migração como um processo que se imprime na memória e na carne, nos rituais ordinários, nos movimentos repetidos, no envelhecimento gradual. Cada pequeno gesto se torna uma fabulação, uma narrativa silenciosa escrita não em palavras, mas na matéria sensível do cotidiano.

Esse processo contínuo e invisível da migração constitui os territórios sensíveis do migrante: territórios que não estão mapeados, mas inscritos nas marcas do corpo e da memória.

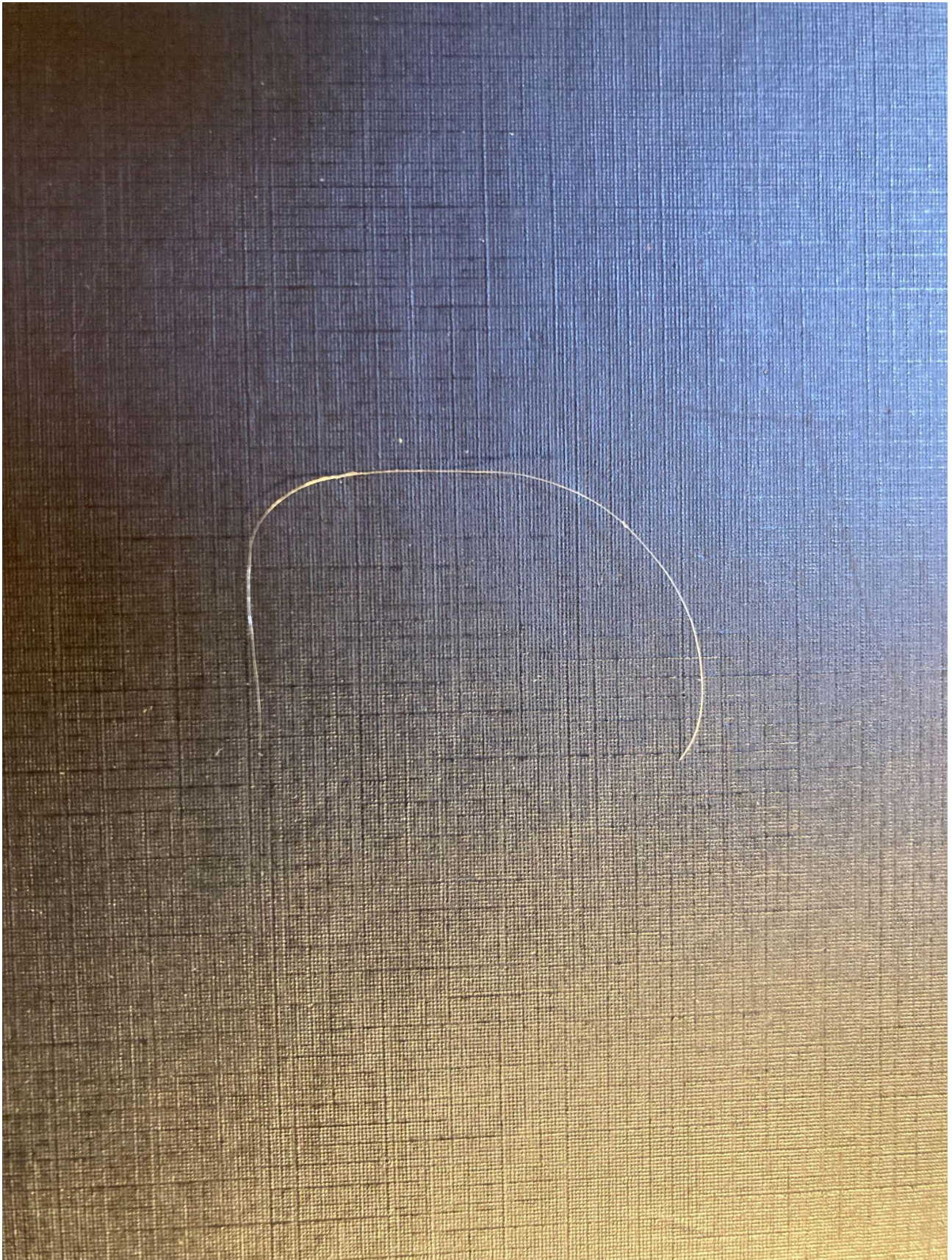


Imagem 1. Monique Araújo, Desenhar com o tempo. Fotografia. Rio de Janeiro. 2025.



Imagem 2. Monique Araújo, Desenhar com o tempo. Fotografia. Rio de Janeiro. 2025.



Imagem 3. Monique Araújo, Desenhar com o tempo. Fotografia. Rio de Janeiro. 2025.



Imagem 4. Monique Araújo, Desenhar com o tempo. Fotografia. Rio de Janeiro. 2025.



Imagem 5. Monique Araújo, Desenhar com o tempo. Fotografia. Rio de Janeiro. 2025

## Referências

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Exílio contínuo: o que será que fica de nós num lugar quando o abandonamos?*. Revista Quatro Cinco Um, n. 78, fev. 2024. Disponível em: <https://quatrocinco.um.br/colunas/onde-queremos-viver/exilio-contínuo>

CARNEIRO, Isabel Almeida. *Pesquisa em artes: temporalidades inconciliáveis*. Concinnitas, Rio de Janeiro, v. 24, n. 45, p. 1-17, maio de 2023.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. São Paulo: Cobogó, 2021.

PEREIRA, Caroliny. *Inframince e o estado latente da experiência estética através das micropercepções*. Anais do V Seminário de Pesquisa em Artes do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

## Notas

<sup>1</sup> Migração é compreendida neste trabalho para além de sua dimensão geográfica, como processo existencial, afetivo e estético.

<sup>2</sup> O conceito de “inframince” (infravele), de Marcel Duchamp, nomeia diferenças ou intervalos quase imperceptíveis.

<sup>3</sup> O “infraordinário”, de Georges Perec, refere-se ao banal e cotidiano, que revela camadas de sentido quando observado com atenção.

<sup>4</sup> O conceito de corpo-arquivo é articulado a partir das reflexões de Leda Maria Martins sobre a memória inscrita no corpo e nas práticas performáticas.